



## **ENTRE JOGOS DE PODER E PERSUAÇÃO DE IMAGENS: MODOS DE VER A HISTÓRIA POLÍTICA NO BRASIL**

**Jacqueline Siqueira Vigário\***  
Universidade Federal de Goiás - UFG  
[vigario.jacqueline@gmail.com](mailto:vigario.jacqueline@gmail.com)

**Anna Paula Teixeira Daher\*\***  
Universidade Federal de Goiás - UFG  
[aptd78@gmail.com](mailto:aptd78@gmail.com)

**RESUMO:** O artigo analisa três imagens fotográficas de figuras presidenciais com ideais políticos e partidos distintos a partir da ideia de que os três últimos presidentes brasileiros, em momentos de crise de seus governos, fizeram uso da mesma narrativa imagética para reafirmar a sua condição de poder. Convida o expectador a observar o paralelismo entre as três imagens, esmiuçando contrastes e metáforas de poder revelam concepções de poder político, constatando-se que há oposição entre as três imagens em seu conteúdo, mas na forma, são complementares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia – Política – Discurso - Poder.

## **BETWEEN GAMES OF POWER AND THE PERSUASION OF IMAGERY: WAYS TO SEE POLITICAL HISTORY IN BRAZIL**

**ABSTRACT :** The article analyzes three fotos of presidential figures with different political ideals and parties, based on the idea that the last three brazilian presidentes, in moments of governmental crisis, used the same imagery narrative to reaffir their condition of power. It invites the viewer to observe the parallelism between the three images, sifting through contrasts and power metaphors reveal concepts of political power, verifying that there is opposition between the three images in their contente, but, in form, they are complementary.

**KEY-WORDS:** photograph – politics – speech - power.

---

\* Doutora em História pela UFG. Membro do Grupo de Estudos de História e Imagem (GEHIM/UFG) e da Rede de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo/Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

\*\* Mestre em História pela UFG. Doutoranda em História no PPGH/UFG. Bolsista CAPES. Membro do GEHIM/UFG e da Rede de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo da UPM.

Três imagens, três personagens políticos: Jair Messias Bolsonaro, Michel Miguel Elias Temer Lulia, Dilma Vana Rousseff. Pela ordem, o atual e os dois últimos presidentes da República Federativa do Brasil, que aqui surgem em três imagens que começamos a apresentar já de início.

A imagem abaixo mostra a ex-presidente Dilma Rousseff em pronunciamento em um dos salões do Palácio do Planalto. Cercada por ministros, deputados, senadores, apoiadores e funcionários de seu governo, discursa após ser comunicada de seu afastamento da Presidência da República em decorrência de processo de *impeachment* instaurado contra ela em 12 de maio de 2016.



**Foto:** Roberto Stuckert Filho. **Fonte:** O Estado de São Paulo.

Apesar da fotografia ter sido tirada com ângulo mais próximo, vê-se que Dilma encontra-se ao centro da imagem, atrás do púlpito com o Brasão da República.<sup>2</sup> Vestida em um terninho branco, sóbrio, com expressão serena, ainda que visivelmente abatida (expressão essa replicada em todos que a cercam), ela se dirige à nação. É interessante apontar o uso do branco nas vestimentas de Dilma, em muito distante do usual e vibrante vermelho, a cor do Partido dos Trabalhadores. Ao longo de toda a campanha por sua eleição, Rousseff favoreceu a cor símbolo de seu partido, como podemos ver,

---

<sup>2</sup> São 4 os símbolos nacionais: a bandeira, as armas, o hino e o selo. O Brasão de Armas do Brasil foi desenhado pelo engenheiro Artur Zauer, por encomenda do marechal Manuel Deodoro da Fonseca, o primeiro Presidente da República brasileira.

por exemplo, em uma foto onde ela aparece acompanhada de seu padrinho político, Lula e de seu vice-presidente, Michel Temer, na convenção que oficializou sua candidatura.



Valter Campanato/Agência Brasil

Nesse caso, tratando-se de uma imagem de campanha, Dilma está mais fortemente ligada ao partido, e menos à Presidência, especialmente se compararmos a segunda foto com a primeira quando ela, como já se destacou, encontra-se atrás de um púlpito com símbolos da República, da Presidência – ela é, ali, afinal, presidente de todo o país, não só dos eleitores de seu partido. O branco também pode enfatizar isso<sup>3</sup>: Dilma ainda fala enquanto presidente de toda uma nação, que não é composta somente dos eleitores do Partido dos Trabalhadores, o branco pode querer enfatizar isso: governo e falo para todos, quando me comprometo a defender o meu governo, defendo um governo que é do Brasil, não de um partido.

Como nos lembra Flusser (2007, p.65), podemos ver as coisas de duas formas: por observação, quando elas se tornam fenômenos; e pela leitura, quando lhes atribuímos significados que precisamos decifrar. Nessa esteira, ao pensar nesse contraste entre o branco e o vermelho no contexto das imagens apresentadas, devemos manter algo em mente: estamos falando de política, mas a candidatura de Dilma (ou de qualquer outro político) é uma mercadoria sendo vendida voto a voto – sendo a cor

---

<sup>3</sup> De igual forma, em ambas as posses como Presidente da República Dilma usou roupas claras: branco e bege.

aspecto fundamental da identidade de uma marca (SCHMITT & SIMONSON, 2002), e o PT é vermelho. Para os ocidentais, essa cor lembra a paixão, o amor, o fogo, é a cor de Marte - o planeta vermelho e o Deus grego da guerra. Símbolo de sorte e felicidade para os orientais, é a cor das noivas nepalesas e indianas. Cor historicamente ligada ao socialismo, cujo símbolo dos mais conhecidos é a bandeira vermelha, o termo que designa a cor em russo significa beleza (PATER, p. 76).

Por que se distanciar desse símbolo? A fim de se desagregar da legenda para preservá-la? Para garantir a si melhores chances em sua defesa? Analisando os erros do governo Dilma a pedido da BBC Brasil, o cientista político Milton Lahuerta (BRITO, 2016) recorda que Maquiavel já dizia que o pior principado é o herdado, e que Dilma herdou um próspero principado de Lula, mas que nunca teve vida própria como política. Dessa forma, faz sentido imaginar que haveria um esforço de descolar a figura da presidente afastada não só de Lula, mas do próprio PT, que, além de se confundirem, àquela altura ainda estavam unidos na possibilidade de uma nova candidatura dele à Presidência da República. Dilma, de branco, parece estar longe do partido (embora não completamente, quase a totalidade dos apoiadores que a cercam trazem em suas vestimentas a cor símbolo do PT) e ainda adere ao significado universal mais famoso da cor: a paz. Naquele momento ela aceita o afastamento, mas promete lutar pelo direito de terminar seu mandato, não só em palavras, mas na performance para as câmeras eternizada na foto – nunca é demais lembrar, para nós ocidentais a cor denota esperança, pureza (é a cor das noivas), mas para muitas culturas orientais, como a China e a Índia, o branco é a cor do luto. Historicamente associada às monarquias absolutistas e ao anticomunismo (PATER, p. 75), o branco, aliás, também tem outro significado universal: uma bandeira branca é um sinal de que a pessoa se rendeu.

Chama a atenção, ainda, a quantidade de membros do sexto feminino na equipe presidencial, algo inédito na história da nossa República. Dilma chega ao poder trazendo um forte simbolismo: era a primeira mulher eleita presidente da República no Brasil, e pelas mãos do primeiro ocupante do cargo que fora genuinamente popular – Lula (PEREIRA E BRONZATTO, 2016). Esse ideal da presença da mulher no governo era muito caro a Dilma, seja em sua própria atuação (ela era a mãe do PAC, a mãe do povo), seja na extensão da própria atuação governamental, com uma Secretaria de

Políticas para as Mulheres ou a sanção da Lei Maria da Penha<sup>4</sup>, a garantia de direitos trabalhistas às empregadas domésticas, a extensão do período de licença maternidade ou a criação de linhas de crédito específicas para trabalhadoras do campo (LIMA, 2010).



**Foto:** Valter Campanato/Agência Brasil.

Com o afastamento de Rousseff, assume a presidência o seu vice, Michel Temer que, na imagem acima, faz seu primeiro discurso no cargo em 12 de maio de 2016. Como Dilma ele é antecedido pelo símbolo da República no púlpito, além da bandeira do Brasil ao fundo.<sup>5</sup> Ocupa o centro da cena e a partir dele espalham-se seus apoiadores: alguns jovens o cercam, mas a ampla maioria é composta de antigas e conhecidas figuras da política nacional – e não há nenhuma mulher à vista. Um mar de homens circunspectos usando ternos em tons escuros, camisas claras e gravatas em cores sóbrias. Em uma situação oficial como essa e, portanto, formal, seria muito difícil encontrar um participante que não estivesse usando terno, mas é curioso lembrar o apontamento de Antongiavanni (2006, p. 73), que afirma ser o terno, para o homem, o que a casa é para a vida das pessoas: abrigo, proteção para o corpo, armadura nas relações sociais.

---

<sup>4</sup> A Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

<sup>5</sup> O uso do Brasão da República é obrigatório no âmbito dos Três Poderes e das Forças Armadas. De fato, a forma e o uso de todos os símbolos nacionais é determinada pela Lei nº 5.700/1971. Contudo, ainda que se determine legalmente a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais, não se especifica que o Presidente há de usá-lo como um escudo de defesa, como se vê em todas as imagens analisadas. De fato, a lei só expressa (art. 26, I) que é obrigatório o uso das Armas Nacionais no Palácio da Presidência da República e na residência do Presidente da República.

Temer precisava transmitir uma mensagem de segurança e de disposição para o trabalho aos eleitores – àquela altura o país estava, em parte, tomado pela insatisfação diante das escolhas da administração Dilma, e preocupado com a situação econômica do país, que era muito ruim especialmente se comparada ao período áureo do governo Lula. Ele não encontrou apoio absoluto, nem a sua posse trouxe uma tranquilidade institucional, seguiu uma polarização de opiniões entre aqueles que aplaudiam o impeachment e aqueles que apontavam a existência de um golpe, e a preocupação com a manutenção da democracia, na esteira da ideia (LEVITSKY e ZIBLATT, p. 12), de que as democracias ainda morrem, mas “desde o final da Guerra Fria, a maior parte dos colapsos democráticos não foi causada por generais e soldados, mas pelos próprios governos eleitos”.

Ao formar seu ministério, Temer não se furtou em lotear cargos a fim de manter uma base no Congresso, e apesar de ter ascendido ao cargo prometendo chamar para trabalhar consigo um grupo de notáveis, já a partir dessa foto o que se vê é que ele se cercou de políticos ocuparam pastas nos governos anteriores, como o de FHC e Lula, além da própria Dilma. Com a cabeça levemente inclinada para o canto direito do espectador que assiste a cena, e olhar sorrateiro, mas firme. Michel Temer chama atenção de sua plateia, que o olha atentamente.

Na onda do antipetismo e da busca por um país livre da “velha política” elege-se no certame de 2018 um quase desconhecido, um deputado federal integrante do “centrão”<sup>6</sup>: Jair Messias Bolsonaro. Para alcançar essa vitória, além do discurso atendendo a esses anseios da população, Bolsonaro se fia em dois nomes: o do ex-juiz Sérgio Moro e do economista Paulo Guedes, alçados, respectivamente, aos Ministérios da Justiça e da Economia.

A foto abaixo foi tirada pouco mais de um ano depois da posse tanto de Bolsonaro quanto de seus ministros, em 24 de abril de 2020. Nesse período a aprovação de Bolsonaro em muito oscilou: em janeiro de 2019 era de 40%, em abril do mesmo ano, 35% e ao final do primeiro semestre de seu governo, 32% (JPS, 2019). Naquele dia de abril, Moro deixara o governo em meio a vazamento de mensagens e acusações<sup>7</sup> - e a

---

<sup>6</sup> O centrão é, segundo explica Fernando Calgaro (2020), bloco informal na Câmara dos Deputados que reúne parlamentares de legendas de centro e centro-direita, e que habitualmente se alia a quem está no poder, não tendo a defesa de uma bandeira específica como característica.

<sup>7</sup> Moro pediu demissão do cargo após a exoneração do diretor-geral da Polícia Federal, Maurício Valeixo, o que, segundo o ex-juiz, mostrava uma interferência do presidente no órgão.

avaliação do governo Bolsonaro cairia para o menor nível desde a posse uma semana depois, 27%, segundo pesquisa da XP Investimentos (TUON, 2020).

Em meio à pandemia de Covid 19, os componentes do governo - presidente incluso - vêm à público sem seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do próprio Ministério da Saúde: aglomeram-se e não usam máscaras, à exceção de Paulo Guedes, que também é o único a não se apresentar de terno. Todas as vestimentas são formais, em cores sóbrias. Bolsonaro está ao centro e atrás do púlpito com o Brasão da República, enfatizando a sua posição. Os demais, trazem as mãos cruzadas à frente do corpo – o que é uma característica interessante a ser observada, tendo em vista que a comunicação pode ser não verbal - Epstein (1986) lembra que esta se dá por sinais como o gesto das mãos ou a postura do corpo, a expressão do rosto. As mãos a frente e grudadas no corpo, por exemplo, como quase a totalidade dos integrantes dessa imagem trazem, podem sinalizar pouca confiança.

Bolsonaro inclina a cabeça agitado, franzindo a testa demonstrando o nervosismo do momento, no qual ele rebatia as acusações de Moro, cercado por Ministros, Deputados e outros apoiadores de seu governo. Ele escolheu enfrentar um profundo momento de crise de seu governo utilizando os mesmos artifícios imagéticos de afirmação de poder e legitimidade de governos anteriores.



**Foto:** Marcelo Casall Jr./Agência Brasil.

Cumprir lembrar que tal qual o discurso, a imagem tornou-se um campo fértil para a história. Somos bombardeados diariamente pela mídia televisiva, jornais, revistas

e redes sociais, por imagens de eventos políticos que falam por si só, o que provoca exageros e confusão da parte dos expectadores. Todavia, nada que diz respeito a tais imagens nos deixam indiferentes ou nos é estranho, pois toda imagem contém um discurso, são visões de mundo representadas pelas sociedades humanas no tempo, são testemunhas de uma época, do que foi vivido, sentido, portanto, são portadoras de memórias. Entre jogos de forças sociais e política e, guardada as devidas considerações da função de produção de textos da mídia impressa, vimos crescer nos últimos anos com o surgimento de novas tecnologias, certo fascínio da parte de historiadores por imagens fotografadas em eventos políticos, pela sua importância de guardar uma relação de representação analógica do real<sup>8</sup>. Aprendemos com Alberto Manguel (2001) que a fotografia democratizou a realidade, e como tal, permite mais do que qualquer outra arte que a manipulação e parte da censura façam parte de seu processo criativo. De igual forma, com advento de novas tecnologias os recursos de manipulação tornaram-se mais imperceptíveis na contemporaneidade sobretudo no campo da mídia e do político.

## **IMAGEM, PODER E POLÍTICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: MEIOS E DISCURSOS**

A imagem faz parte da construção do pensamento. Para Flusser (2000), trabalhar com imagens é tratar do próprio pensamento. Na atualidade, mais do que nunca, a influência imagética na construção de discursos é muito forte, tendo em vista que os principais meios de comunicação são os digitais e neles não há espaço para muito texto, sendo que em alguns, como o Instagram<sup>9</sup> ou o TikTok<sup>10</sup>, a comunicação se dá por meio da imagem quase que completamente. A fotografia tornou-se, de certa forma, uma medida de existência das coisas: foi digno de nota se foi fotografado (e

---

<sup>8</sup> Aprendemos com Roland Barthes (1990) que a fotografia sendo “linguagem denotativa”, é diferente de outras imagens como a pintura ou o desenho, que trazem “fatores de conotação”, tais como a “propriedade de um estilo”. Para ele é preciso distinguir a variedade de imagens fotografadas, “as fotografias de imprensa, que de um modo paradoxal corresponde a imagem denotativa, mas que é passível de conotação em razão do poder de manipulação, seja, pela manipulação de quem fotografou, escolheu o melhor ângulo da pose, o recorte, a ampliação de espaço, ou pela interpretação da cena em forma de texto ou legenda”.

<sup>9</sup> Andréa da Luz, a partir dos estudos de Santaella, esclarece que a linguagem dessa mídia foge à concepção clássica. Em razão de seu caráter híbrido, “se transformou em base para relações cada vez mais prenes de signos multissemióticos ou multimodais” (LUZ, 2015, p.11).

<sup>10</sup> Pesquisadores da Universidade de Columbia e da Universidade Hebraica de Jerusalém que estudam a mídia social TikTok apontam que ela está ajudando a moldar a política nos EUA, disseminar mensagens entre os jovens, tanto na esquerda como na direita (HERMAN, 2020).

instagramado). Além de registro de existência e importância, a fotografia divulgada nas redes sociais é, hoje, essencial fonte de informação.<sup>11</sup>

Sabe-se que na última eleição presidencial no Brasil, em 2018, alterou profundamente o ambiente eleitoral com quantidade, qualidade e natureza de informações disponível ao público pela via virtual. Se até então o monopólio da mídia televisiva tomara conta de uma parte significativa nos processos eleitorais políticos, também se prestara ao papel não só de fabricar imagens sobre sujeitos e projetos, como também de soterrar sujeitos e projetos. Desta forma, a prática desse tipo de recurso em momentos de crise, tem sido recorrente por políticos eleitos democraticamente nos últimos anos, mas que por motivos distintos foram acometidos por uma crise política em seus governos. Sabe-se que a produção e exposição de imagens de fotojornalismo de figuras públicas não necessariamente depende de poder financeiro, político ou mediático. De fato, há um controle da parte desses poderes acima descritos em relação a sua formação. Contudo, o papel da opinião pública enquanto receptores de imagens é fundamental na contemporaneidade.

Há muito se deixou de pensar a imagem fotográfica em sua transparência e objetividade técnica. A imagem não é somente uma imagem, o que se pretende destacar em meio a tudo isso é a importância de pensar a fotografia como uma construção.<sup>12</sup> É importante entender que há um horizonte de visualidade nas imagens fotográficas e admitir seu poder a serviço de diferentes atores sociais e políticos se faz necessário, mas, o que esperar desse tipo de linguagem imagética? A pergunta aponta para uma das questões primordiais que caracteriza os usos da imagem fotográfica na contemporaneidade: a tecnologia digital, que existe em um contexto onde a produção e distribuição fotográfica está cada vez mais aperfeiçoada, onde o telefone celular é, ele próprio, um equipamento fotográfico (CZEKALSKI, 2018, p.8).

---

<sup>11</sup> Recuero (2009) informa que há três tipos de relações das redes sociais com a produção jornalística: as redes sociais como fontes produtoras de informação; como filtros de informação e como espaços de reverberação dessas informações. A Agência de Notícias Reuters lançou em 2020 um documento chamado *Institute Digital News Report* (Disponível em <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2020/foreword-2020/>) no qual se vê que não só as Redes Sociais (67%) tomaram a frente da TV (66%) como principal fonte de informações, mas que o Brasil é o país que mais consome informações pelas redes sociais.

<sup>12</sup> É como pondera Dubois (1998, p. 15), “se existe na fotografia uma força viva irresistível, se nela existe algo que, depende da ordem de uma gravidade absoluta [...] com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser”.

Cabe também lembrar que a imagem não tem respostas prontas, seu sentido dialógico amplia a percepção de análise e o que ela tem a dizer diante do espectador. Entre o olhar a imagem e o que acontece nesse processo de comunicação é preciso considerar uma série de ações tanto culturais quanto históricas. Ora, a pretensão do fotógrafo de construir uma imagem de governo, nada tem de inocente, escolhas foram feitas, pois procurou o melhor ângulo, a melhor posição, a pose adequada e houve todo um cuidado com relação a trajés, ornamentos, pequenos detalhes como sinais distintivos de poder, a postura corporal. Foi preciso criar uma atmosfera de força e poder político, de governo forte que levasse o espectador a decifrar marcas deixadas pelo fotógrafo em sua percepção como fotógrafo enquanto criador de discursos.

Analisar as três imagens fotográficas colocadas em evidência nesse texto pode parecer, a princípio, algo que não traga algo de novo para o leitor. No entanto, são duas as questões primordiais que se pretende aqui expor: a primeira, refere-se ao diálogo entre as três imagens na forma como se configura os personagens na cena fotográfica. A segunda, como a política tem se apropriado da linguagem visual nos últimos anos com uso de recurso visual como uma maneira de persuadir a opinião pública em momentos de crise em seus governos. Nesse exercício de leitura de imagens, a ideia é não só encontrar uma maneira de trazer à tona as representações de momentos de crises políticas que o país tem atravessado desde sua constituição democrática; mas também observar que essas representações fotográficas, em suas narrativas, contribuem para reforçar a problemática de fundo histórico grave que compromete o vigor frágil da democracia brasileira: em trinta anos de redemocratização política, por meio das instituições o país conjuga pedidos de impeachment de toda ordem de presidentes eleitos via eleição direta.

As fotografias em questão propõem uma narrativa de caráter documental em que chama a atenção dos registros feitos pelo olhar de fotógrafos. A narrativa no geral não é coordenada somente pela retórica do discurso, mas por elementos visuais, objetos que simbolizam instituições políticas, poder, a quantidade de figuras humanas representadas na cena além de palavras. Três montagens iguais, com objetivos iguais e governos com ideologias diferentes. Como uma ferramenta de comunicação e persuasão, todos os detalhes são levados em consideração, desde a posição das figuras, a postura, a expressão, o cenário, até objetos que representam símbolos, emblemas, dignificando a grandeza, a moral do poder legitimamente constituído democraticamente,

representado nas imagens de figuras políticas. Em um momento no qual esses governos atravessam uma intensa crise política, essa grandeza acima mencionada, também era representada na imagem de todo corpo político que compõe a cena. Cabe destacar que as figuras humanas representam um ideal coletivo, são parte de um todo, como um coro. A estética da fotografia não é representada com o intuito de apresentar-se individualmente, mas, no coletivo. Os semblantes dos personagens cuja indignação é estampada em cada rosto, ao mesmo tempo as figuras fitam esses espectadores.

Examinando as três fotografias e, considerando o tratamento dado a essas imagens (a escolha do melhor ângulo, os cortes feitos na sua edição), tudo isso agregado ao contexto em que as imagens foram fotografadas, seu conjunto, por certo, afirmam-se carregados de sentidos. A semelhança entre as três imagens é marcante do ponto de vista da composição, no que diz respeito a disposição dos personagens e a predominância do mesmo cenário. Em relação ao ângulo de visão do espectador, na imagem fotográfica de Dilma, o fotógrafo aproximou a lente da câmara, focando bem na sua figura ao centro, tendo o púlpito com o Brasão destacado, ausentando quase toda perspectiva da imagem. Na imagem de Michel Temer, as figuras se dispõem mais abertas, em formato retangular e quase sem perspectiva. Já a imagem de Jair Bolsonaro, a linha do horizonte se apresenta melhor, apresentando uma parede pintada de azul celeste com brasões em segundo plano.

Em todo caso, para onde quer que se tente olhar as três imagens fotográficas, nota-se a retomada de alguns elementos alegóricos que engendram o cenário: o púlpito com o Brasão ao centro, as duas bandeiras atrás, a pose das figuras humanas. Ainda que tais fotos tenham sido tiradas em contextos e tempos históricos distintos, percebe-se que uma conexão imediatamente se estabelece entre elas uma vez justapostas, guardando as devidas diferenças dos fatos em cada uma.

Ao ler as imagens em conjunto, percebe-se que o artifício visual escolhido foi o mesmo para todas as três figuras públicas. Dilma, Temer e Bolsonaro, colocam em cena importante sistema de símbolos nacionais, dispositivos políticos que reforçam a representatividade do cargo. Colocaram-se todos ao lado de seus ministros e apoiadores, empreendendo uma performance política com discursos que afirmam suas versões dos fatos, bem como seus posicionamentos políticos. Assim, as imagens analisadas nesse texto parecem sintetizar, de certa forma, esses paralelismos e contradições. Os detalhes das três imagens nos mostram cenas muito interessantes, um aparente

embate entre o jogo político e retóricas de poder. Contudo se analisarmos as três narrativas juntas, vê-se uma porta de abertura para o mundo das três imagens - a persuasão, por meio de elementos simbólicos de forte apelo do uso de poder, a própria imagem de cada um cercado pelos seus ministros e apoiadores de seus governos em questão, encontramos um paralelismo perfeitamente plausível e podemos traçar uma conexão entre as três imagens nesse sentido.

É importante considerar também o espaço que acolhe os corpos de Dilma, Temer e Bolsonaro, o púlpito no qual se apoiam como um ponto central para as lentes de quem os fotografou, metaforicamente é um olhar em sentinela para a história, e não deixa de ser uma maneira das três figuras humanas se autorreferirem como autoridade política. Pela distância da tomada fotográfica, os três corpos aparecem apenas do torço para cima, sendo a parte inferior excluída da representação pelo púlpito. Sabe-se que em momentos de crise política os governantes precisam criar justificativas concretas. Entretanto, tais justificativas podem ser encontradas tanto em textos quanto nas imagens e, como se nota, em clima de crise política no momento em que essas fotografias foram tiradas, o que predomina é o esforço do estabelecimento de uma ordem política democrática, o esforço de regeneração dessa ordem está na forma geométrica em que se apresenta cada uma das três fotografias. A representação nos passa ideia de ordem, sentido e estabilidade política. No entanto, não abandonam também a prática do discurso, conscientes do papel que exercem, buscam toda forma de persuasão procurando a seu favor.

Maria João Cantinho (2020) alerta que assistimos na contemporaneidade a perda do pensamento crítico nos veículos de comunicação, estamos diante de uma nova forma de se consumir informação. Em um mundo em que a sociedade se comunica instantaneamente pela via digital, a informação e a comunicação visual sobrepõem a reflexão. Assim, vivemos uma era onde tudo se move no viés do imediatismo da informação, da banalidade coletiva, o crítico se transformou no acrítico. Fazer parte de um contexto sócio histórico e cultural em que a ausência de conhecimento de todos os níveis se faz presente em vários extratos sociais, onde toda as pessoas acham que toda cultura de mercado, de informação fática e de saber se esgota na efemeridade da informação cotidiana visual. E essa situação é algo preocupante, pois a leitura e a reflexão crítica social deveria ser algo comum em uma sociedade democrática, e é nítido que há uma indiferença assustadora por parte da sociedade brasileira que atua sob a

lógica do consumismo. O conhecimento cultural deveria ser a base crítica nas sociedades heterogêneas, mas, infelizmente tudo se traduz no imediatismo midiático e numa lógica de mercado em que os programas jornalísticos chamam a atenção do telespectador com imagens fabricadas para ascender a imagem de sujeitos e projetos bem como soterrá-los, a tal cultura do cancelamento.

Jessé de Souza (2019) faz reflexões significativas a respeito do papel da mídia como parte integrante do jogo político e também do próprio acontecimento histórico. Aos olhos dele a mídia tem perdido espaço e é culpada por isso, porque está ligada a interesses empresariais, como exemplo, afirma que o ódio e violência, crescente é resultado do conluio entre a "grande mídia e os interesses da elite do atraso" (SOUZA, 2019). Com o surgimento das redes sociais, das mídias alternativas, esse monopólio é trincado e posições políticas extremadas que não teriam espaço para serem propaladas há alguns anos atrás começaram a surgir, tanto do lado de partidos de direita, quanto de esquerda. Nos últimos anos o acesso aos meios eletrônicos foi crucial para a transformação no mundo da política. O ambiente eleitoral transformou-se com alteração da qualidade e natureza das informações para o público, a imagem dos candidatos estão mais expostas e disponíveis ao público, é preciso reconhecer essa atuação nos meios políticos.

Por fim, como resultado desses e outros acontecimentos similares, a democracia brasileira tenta seguir seu curso a duras penas, entre interesses financeiros comerciais da mídia que perdeu o monopólio nos últimos anos para o fenômeno das redes sociais e partidos políticos que fazem oposição ao atual governo. Com efeito, não seria exagero afirmar a partir do olhar de Manguel (2001, p. 92) que, através do olho da lente, o passado tornou-se contemporâneo e o presente se resumiu a uma iconografia coletiva". Assistimos na contemporaneidade uma verdadeira disputa entre jogos de poder e persuasão de imagens no político.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONGIAVANNI, Nicholas. **The Suit**. NY: Harper Collins Publishers, 2006.
- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da Cultura de Massa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

BRITO, Adriano. Em 3 pontos: o que deu errado no governo Dilma. In **BBC Brasil**. Notícias. 12 mai 2016. Disponível em [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160511\\_dilma\\_errado\\_ab](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160511_dilma_errado_ab). Acesso em 18 ago 2020.

CALGARO, Fernando. Entenda o que é o Centrão, bloco na Câmara do qual Bolsonaro tenta se aproximar. In G1. Política. 29 abr 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/29/entenda-o-que-e-o-centrao-bloco-na-camara-do-qual-bolsonaro-tenta-se-aproximar.ghtml>. Acesso em 24 set 2020.

CANTINHO, Maria João e RAMOS, Rosângela Patriota. Cultura e barbárie em tempos extremos. In **Encontros Históricos**. 26 ago 20. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas-SP: Papirus, 1998.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.

FLUSSER, Vilém. **Towards a Philosophy of Photography**. Reaktion Books, 2000.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência e terror - Quatro Ensaios de Iconografia Política**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HERMANN, John. Nos EUA, o TikTok está moldando a política, dizem pesquisadores. In **The New York Times** para Estadão. 28 jul 20. Disponível em <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,nos-eua-o-tiktok-esta-moldando-a-politica-dizem-pesquisadores,70003370101>. Acesso em 29 jul 2020.

JPS/ots. Bolsonaro tem a pior aprovação desde a posse. In **DW Brasil**. 27 jun 2019. Disponível em <https://p.dw.com/p/3LD05>. Acesso em 04 ago 2020.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. São Paulo: Zahar, 2018.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. Intersecções entre Cultura, Mídia e Política: o uso das redes sociais na campanha de Dilma Roussef em 2010. In **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, V.43, n.1, Jan/jun, 2012, p. 102.

LUZ, Andréa Francisca da. **O instagramer e seu discurso multissemiótico na rede social instagram**. 113f. Dissertação (mestrado) Universidade Católica de Pernambuco. Pró Reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós Graduação. Mestrado em Ciências da Linguagem. 2015. Disponível em [http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/825/1/andrea\\_francisca\\_luz.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/825/1/andrea_francisca_luz.pdf). Acesso em 29 jul 2020.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço provisório, Proposta cautelares. In **Revista Brasileira de História**, São Paulo-SP, ANPUH, v.23, n. 45, p. 11-36, 2003.

PATER, Ruben. **The Politics of Design**. A (not so) global manual for visual communication. Bis Publishers. 2018.

PEREIRA, Daniel e BRONZATTO, Thiago. *Impeachment* põe fim ao ciclo do PT no poder. Queda de Dilma Rousseff põe o populismo e a corrupção no centro das preocupações nacionais. In: **Revista Veja**. Coluna Brasil.2 set 2016. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/impeachment-poe-fim-ao-ciclo-do-pt-no-poder/>. Acesso em 10 set 2020.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.(Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.

SCHMITT, B; SIMONSON, A. **A Estética do Marketing: como criar e administrar sua marca, imagem e identidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SOUZA, Jessé de. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Estação Brasil, 2019.

TUON, Ligia. Reprovação do Governo Bolsonaro salta 7 pontos após demissão de Moro. In **Revista Exame**. Brasil. 04 mai 20. Disponível em: <https://exame.com/brasil/xp-ipespe-avaliacao-negativa-do-governo-saltou-7-p-p-apos-saida-de-moro/>. Acesso em 30 ago 20.

**RECEBIDO EM: 25/09/2020**

**PARECER DADO EM: 22/10/2020**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)